



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No Brasil, a semana traz dados de atividade de fevereiro. No exterior, China divulga PIB e bancos dos EUA publicam balanços do 1T26, em meio à frustração nas negociações entre EUA e Irã.

- A semana concentra no Brasil a divulgação de uma série de indicadores de atividade referentes ao mês de fevereiro, que devem reforçar os sinais de reaceleração da economia no primeiro trimestre do ano.** O IBGE publica os resultados do setor de serviços e das vendas do varejo na terça (14) e quarta-feira (15), respectivamente. A expectativa é de continuidade do desempenho positivo observado em janeiro. Para os serviços, o consenso de mercado aponta alta de 0,5% no mês, enquanto, no varejo ampliado, a expectativa é de avanço de 1,7%.
- Nesse contexto, as *proxies* mensais do PIB, como o índice IBC-Br e o Monitor do PIB, devem registrar crescimento no período.** O BC divulga o IBC-Br na quinta-feira (16), com projeção de alta de 0,6% em fevereiro, após crescimento de 0,8% em janeiro. Além da perspectiva de avanço dos serviços e do varejo, o IBGE já sinalizou crescimento da produção industrial no mês. Na sexta (17), a FGV publica o Monitor do PIB. Os indicadores de atividade econômica têm mostrado alguma retomada no início de ano, sustentada pelo aumento do salário mínimo, ampliação da isenção do IR para as faixas de menor renda e pelo impulso do setor agro, em função da colheita da safra da soja. Esse cenário aponta para uma expansão relevante do PIB no trimestre.
- No cenário internacional, destaque para os desdobramentos das negociações entre EUA e Irã, após o fracasso das tratativas no fim de semana.** Os mercados futuros abriram em queda na manhã de hoje (13), enquanto o petróleo voltou a superar US\$ 100/barril (tipo *Brent*) diante da frustração com as negociações de paz e reagindo ao anúncio do governo dos EUA sobre um bloqueio ao Estreito de Ormuz. O bloqueio naval visa os navios que atracam no Irã e está marcado para começar hoje às 11h (horário de Brasília), decisão que voltou a elevar a tensão em meio ao cessar-fogo que já está bastante fragilizado.
- Quanto aos indicadores, as atenções se voltam para a China, que divulga na noite de quarta (15) o resultado do PIB do 1º trimestre de 2026.** O consenso de mercado projeta crescimento de 4,8% ante o 1T25, acelerando em relação ao resultado do 4T25 (+4,5%). Caso se confirme, o número estará em linha com a meta de crescimento estabelecida para o ano (entre 4,5% e 5,0%). A expansão deve ser liderada pelo setor industrial, apoiada no avanço das exportações. Com a demanda interna ainda relativamente fraca, a despeito das medidas voltadas ao estímulo da economia doméstica, o setor externo tem assumido papel central na sustentação da atividade do país. Além do dado do PIB, também serão conhecidos os números de março da balança comercial, da produção industrial e das vendas no varejo.
- A agenda de indicadores também contempla dados de inflação nos EUA e na Europa.** Nos EUA, na terça (14) será conhecido o índice de preços ao produtor (PPI) referente a março, que deve subir 1,1% no mês, acelerando para 4,6% em 12 meses (ante 3,4%), refletindo principalmente a alta dos preços do petróleo e derivados em meio ao conflito no Oriente Médio. Na Zona do Euro, a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de março deve confirmar a prévia e acelerar para 2,5% em 12 meses (ante 1,9%), voltando a ficar acima da meta do BCE, também pressionada pelos preços de energia. O resultado será publicado na quinta (16).
- A semana também marca o início da temporada de balanços corporativos do 1º trimestre de 2026 nos EUA, que, como de costume, será aberta pelos principais *players* do setor bancário.** No geral, os resultados devem trazer receitas ainda fortes, sustentadas por um crescimento resiliente da margem líquida de juros e por ganhos com *trading* de ações e renda fixa, em função da elevada volatilidade do mercado. Por outro lado, a incerteza decorrente do conflito no Oriente deve limitar os ganhos nos segmentos de banco de investimento. Além disso, os analistas devem seguir atentos à qualidade do crédito corporativo e ao aumento da inadimplência das famílias no cartão. Por fim, será importante observar se os efeitos do conflito podem alterar os *guidances* para 2026. JP Morgan, Wells Fargo e Citi divulgam seus resultados nesta terça (14), enquanto o Bank of America publica seu balanço na quarta (15). Hoje pela manhã, o Goldman Sachs reportou lucro de US\$ 5,6 bi no trimestre (US\$ 17,55 por ação), acima do esperado, com alta de 18,8% ante o 1T25 e o melhor resultado para um trimestre desde o 1T21 (US\$ 6,8 bi).



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/abr	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Fev/26	0,5% m/m 1,6% a/a	0,3% m/m 3,3% a/a
15/abr	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Fev/26	1,7% m/m -0,9% a/a	0,9% m/m 1,1% a/a
15/abr	FGV: IGP-10	Abr/26	1,95% m/m -0,42% a/a	-0,24% m/m -2,54% a/a
16/abr	BCB: Índice IBC-Br de Atividade Econômica	Fev/26	0,6% m/m 0,5% a/a	0,8% m/m 1,0% a/a
17/abr	FGV: Monitor do PIB	Fev/26	-	0,2% m/m 1,2% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
13/abr	EUA	Vendas de casas existentes	Mar/26	-0,8% m/m	1,7% m/m
14/abr	China	Balança Comercial (Exportação/ Importação)	Mar/26	8,6% a/a 13,9% a/a	21,8% a/a 19,8% a/a
14/abr	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Mar/26	1,1% m/m 4,6% a/a	0,7% m/m 3,4% a/a
15/abr	China	PIB	1º tri/26	4,8% t/t-4	4,5% t/t-4
15/abr	China	Produção Industrial	Mar/26	5,3% a/a	6,3% a/a
15/abr	China	Vendas do varejo	Mar/26	2,4% a/a	2,8% a/a
15/abr	Zona do Euro	Produção Industrial	Fev/26	0,3% m/m	-1,5% m/m
15/abr	EUA	Fed: Livro Bege	-	-	-
16/abr	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Mar/26 - Final	1,2% m/m 2,5% a/a	0,6% m/m 1,9% a/a
16/abr	EUA	Produção Industrial	Mar/26	0,1% m/m	0,2% m/m

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Inflação acelera acima do esperado em março, refletindo o impacto da guerra

O IPCA subiu 0,88% em março, acima do esperado (0,75%) e a maior alta para o mês desde 2022 (1,62%). O resultado foi puxado pelos preços dos alimentos e dos combustíveis, refletindo os efeitos iniciais da guerra no Oriente Médio. No acumulado em 12 meses, o índice acelerou de 3,81% para 4,14%.

A inflação avançou de forma disseminada, com o índice de difusão atingindo 67,4% em março, maior patamar desde dez/24 (69,0%). De toda forma, foi mais intensa nos grupos transportes e alimentação, que responderam por 76% da variação do mês. O maior avanço foi observado em transportes (+1,64%), cuja alta mais do que dobrou ante fevereiro (+0,74%), em função do forte aumento dos preços dos combustíveis, como o diesel (+13,90%) e a gasolina (+4,59%), que respondeu pelo maior impacto individual no índice (+0,23 pp). Esse movimento ocorreu a despeito de a Petrobras manter seu preço consideravelmente abaixo da referência internacional (Quadro 5). Outro vetor de pressão foi a alta das passagens aéreas (+6,08%).

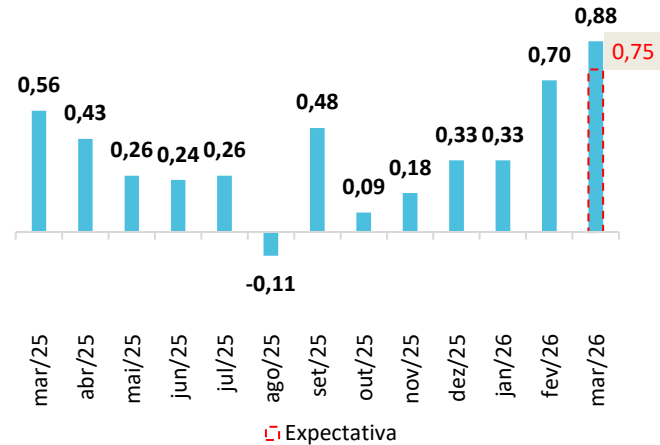
O grupo de alimentação e bebidas, por sua vez, subiu 1,56% em fevereiro, maior alta desde abr/22 (início da guerra Rússia/Ucrânia). O avanço foi puxado pela alimentação no domicílio (+1,94%), principalmente entre os itens *in natura*, como tubérculos e legumes (+16,78%) e hortaliças (+2,19%), e menor grau, nos cereais (+2,78%) e carnes (+1,73%). Entre os demais grupos, as despesas pessoais subiram 0,65%, pressionadas pelos serviços pessoais (+0,74%), e saúde (+0,42%), pelos planos de saúde (+0,49%).

Com isso, algumas métricas mostraram inflexão no acumulado em 12 meses, como o núcleo dos alimentos no domicílio, que interrompeu uma sequência de sete meses em desaceleração e voltou ao terreno positivo (de -0,11% para 0,51%); e dos bens monitorados, que avançaram de 4,35% para 5,44%. Por outro lado, os bens industriais (de 2,45% para 2,39%), o núcleo dos serviços (de 5,51% para 5,34%) e a média dos núcleos (de 4,46% para 4,38%), ainda mostraram ligeira acomodação, mas no caso destes dois últimos, permanecendo em alto patamar, bem acima da meta de 3%.

Portanto, a leitura mostrou uma pressão inflacionária maior do que a esperada na margem, especialmente nos combustíveis e alimentos, itens mais afetados pela guerra. A tendência é que a inflação siga em aceleração, se consolidando na faixa de 4%.

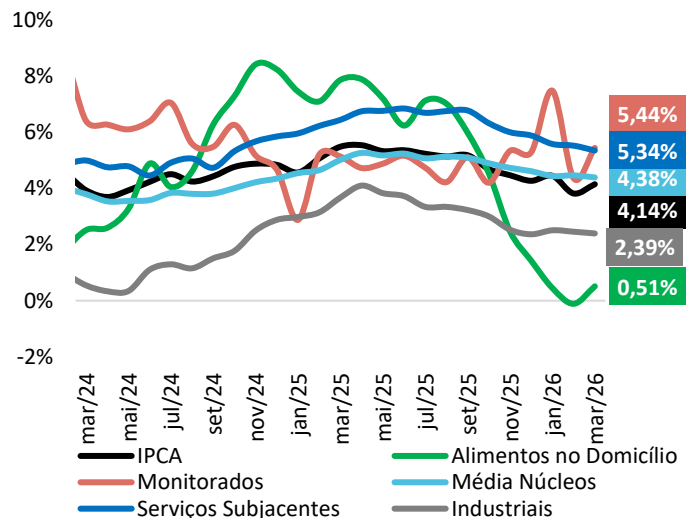
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: IPCA
Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Aberturas
Var. % Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Os preços no atacado (IPA) também mostraram avanço relevante em março. O IGP-DI, calculado pela FGV, subiu 1,14% no mês, ligeiramente acima do esperado (1,08%). A alta no mês ocorreu após recuo do índice em fevereiro (-0,84%). A maior pressão veio dos produtos agropecuários no atacado (+2,44%), como bovinos, leite e milho. Contudo, os itens diretamente afetados pelo conflito, como combustíveis e fertilizantes também já apareceram entre as maiores influências de alta no indicador, pressionando o IPA-Industrial (+1,02%). No acumulado em 12 meses, o IGP-DI seguiu em deflação (-1,30%), mas acima da taxa apurada em fevereiro (-2,90%). De forma similar ao IPCA, o índice também deve seguir acelerando no curto prazo.

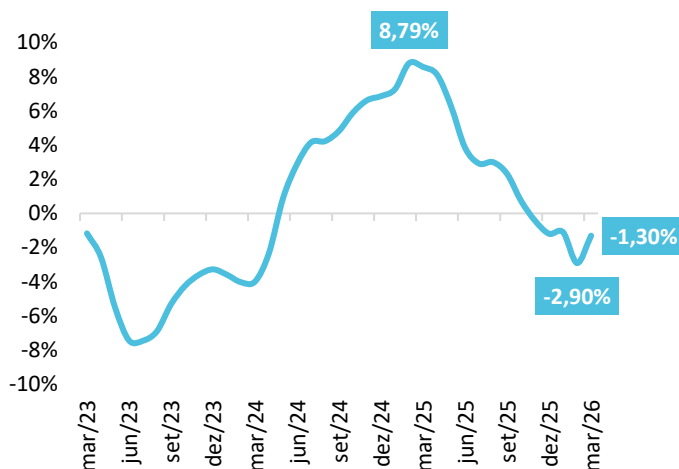
Em resposta ao conflito no Oriente Médio, o governo federal adotou um conjunto de políticas de desoneração tributária e subvenções, com foco no óleo diesel, no querosene de aviação (QAV) e no gás liquefeito de petróleo (GLP), buscando mitigar os repasses de preços aos consumidores. O impacto fiscal das medidas pode chegar a R\$ 31 bilhões, segundo o Ministério do Planejamento, mas deve ser compensada pelo aumento da arrecadação vinculada ao preço do petróleo.

A primeira etapa foi implementada em 12/março (Decreto nº 12.875/2026) com a desoneração do PIS/Cofins incidente sobre o óleo diesel, enquanto a Medida Provisória nº 1.340/2026 estruturou os principais instrumentos fiscais do pacote. No eixo das despesas, foi instituída uma subvenção de R\$ 0,32 por litro de diesel, válida até dezembro de 2026 e limitada a um teto de R\$ 10 bilhões, condicionada à comercialização do combustível abaixo de preços de referência regionais definidos pela ANP. Como forma de compensação, a medida provisória introduziu um imposto de exportação de 12% sobre o óleo bruto e de 50% sobre a exportação de diesel, enquanto perdurar a subvenção.

Apesar da medida, dados da ANP indicavam que, até o relatório de 3 de abril de 2026, o preço do diesel S10 já acumulava alta de 23,5% em relação ao patamar observado no fim de fevereiro, antes da eclosão do conflito (Quadro 4). Ainda assim, o produto vendido internamente já acumula defasagem de 43% ou R\$ 1,50/ litro em relação ao praticado no mercado internacional (Quadro 5).

Com isso, na última semana, o governo ampliou o escopo das políticas adotadas, com a desoneração do PIS/Cofins do biodiesel e do QAV, ambos com vigência inicial entre abril e maio de 2026; e, foi instituída uma subvenção à importação de GLP, com custo estimado (e limite) de R\$ 330 milhões.

Quadro 3: IGP-DI – Var. % a/a



Fonte: FGV

Tabela 4: Valor de Venda Final de Diesel Média Semanal

Data	Diesel S10 (R\$/l)	Varição (t/pré-conflito)	Brent (U\$/Barril)
23/02 a 27/02	6,14		71,3
02/03 a 06/03	6,18	0,7%	83,7
09/03 a 13/03	6,86	11,8%	96,5
16/03 a 20/03	7,34	19,6%	106,4
23/03 a 27/03	7,57	23,4%	105,4
30/03 a 03/04	7,58	23,5%	110,1

Fonte: ANP e Bloomberg

Tabela 5: Defasagem Média do Preço do Diesel e da Gasolina no Mercado Doméstico – 10/abr

	Média (Em %)	Média em R\$/ L
Óleo Diesel A	-43%	-1,50
Gasolina	-34%	-0,83

Fonte: Abicom

Paralelamente, a política de subvenção ao diesel foi reforçada em duas frentes:

- i) acréscimo de R\$ 0,80 por litro para o diesel produzido no país; e
- ii) estabelecimento de uma subvenção de até R\$ 1,20 por litro para o diesel importado, em cooperação com estados e o Distrito Federal, com custo estimado de até R\$ 4 bilhões no período inicial, dividido igualmente entre a União e os entes subnacionais que aderirem ao programa.

O pacote incluiu ainda medidas específicas de apoio ao setor aéreo, como financiamento de capital de giro de até R\$ 1 bilhão via Banco do Brasil, a postergação do vencimento das tarifas de navegação aérea e acesso ao Fundo Nacional de Aviação Civil (FNAC), em R\$ 2,5 bilhões para cada companhia aérea, para aquisição de combustíveis.

Sob a ótica fiscal, os efeitos arrecadatórios dessas medidas não foram estimados de forma isolada pelo governo. A estratégia passou a tratar a compensação de forma agregada, considerando o impacto da alta do petróleo sobre diversas fontes de receita. Segundo o Ministério do Planejamento, em cenários de preço do Brent entre US\$ 90 e US\$ 100 por barril, a elevação do petróleo poderia gerar cerca de R\$ 40 bilhões em arrecadação adicional, a partir do aumento de royalties, participações especiais e do imposto de exportação, além de efeitos indiretos como maior receita patrimonial da União via PPSA, crescimento da arrecadação de IRPJ das empresas do setor e elevação dos dividendos da Petrobras. Esse montante seria suficiente para compensar o custo anualizado estimado do pacote, da ordem de R\$ 31 bilhões, caso as medidas fossem mantidas até o fim de 2026.

Cabe ressaltar, contudo, que o imposto de exportação sobre o óleo bruto encontra-se atualmente sob contestação judicial, havendo decisão da Justiça Federal do Rio de Janeiro favorável às empresas do setor, que concedeu liminar suspendendo temporariamente a cobrança, introduzindo incerteza relevante quanto à capacidade de arrecadação com a medida.

Por fim, como mecanismo compensatório específico das renúncias fiscais associadas às desonerações do PIS/Cofins do QAV e do biodiesel, o governo anunciou o aumento do IPI incidente sobre cigarros, com expectativa de arrecadação adicional da ordem de R\$ 1,2 bilhão.

Quadro 6: Medidas anunciadas para mitigar os impactos do conflito no Oriente e compensatórias

Política	Período	Instrumento Legal	Observações
Arrecadação			
Imposto de Exportação – Óleo Bruto	enquanto durar o regime	MP 1.340/2026	Alíquota de 12%
Imposto de Exportação – Diesel	enquanto durar a subvenção	MP 1.340/2026	Alíquota de 50%
Aumento do IPI sobre Cigarros	a partir de mai/2026		2,25% → 3,5%
Despesa			
Subvenção ao Diesel (base)	mar/2026–dez/2026	MP 1.340/2026	R\$ 0,32/litro; teto fiscal
Subvenção ao Diesel (acréscimo emergencial)	abr–mai/2026	MP 1.349/2026	R\$ 0,80/litro; recursos federais
Desoneração PIS/Cofins – Diesel	mar–mai/2026	Decreto 12.875/2026	
Subvenção ao Diesel Importado (União + Estados)	abr–mai/2026	MP 1.349/2026	R\$ 1,20/litro
Desoneração PIS/Cofins – Biodiesel	abr–mai/2026	Decreto 12.923/2026	
Desoneração PIS/Cofins – QAV	abr–mai/2026	Decreto 12.924/2026	
Subvenção à Importação de GLP	abr–mai/2026	MP 1.349/2026	R\$ 850/tonelada
Financiamento a Companhias Aéreas	2026	MP 1.349/2026	Capital de giro via BB
Postergação de Tarifas Aéreas	abr–jun/2026	MP 1.349/2026	Pagamento postergado para dez/2026

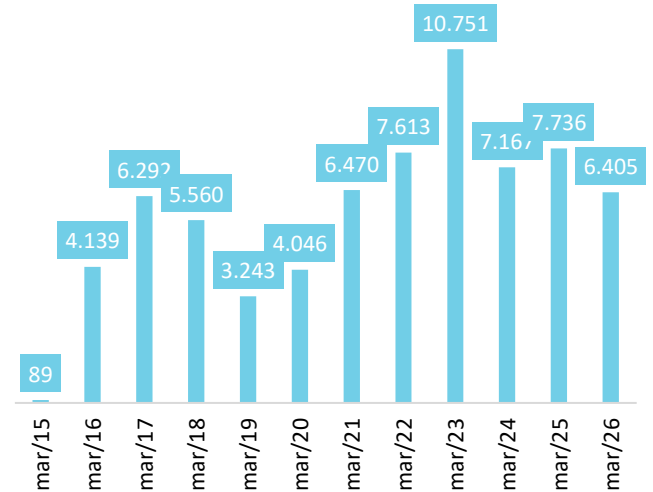
No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 6,4 bilhões em março, abaixo do observado em mar/25 (US\$ 7,7 bi). Esta redução refletiu o forte aumento (+20,1%) das importações no período, que mais do que compensou o bom crescimento das exportações (+10,0%). Parte dessa expressivas variações decorre do maior número de dias úteis no mês ante mar/25 (Carnaval). Ajustando por este fator, as importações cresceram 3,7%, enquanto as exportações recuaram 5,0%.

As exportações totalizaram US\$ 31,6 bi em março, com destaque para o intenso avanço das vendas de petróleo bruto (+70,4%) e de óleos combustíveis (+30,0%). Esse movimento pode refletir alguma antecipação de embarques em função da guerra, embora ainda não tenha havido variação relevante dos preços. Nos últimos 12 meses, o país acumula exportações de US\$ 58,6 bi e um saldo de US\$ 32,3 bi na conta de petróleo, mostrando o crescente ganho de importância do produto para a pauta exportadora do brasileira, vide que até 2016 o país era importador líquido da *commodity* (Quadro 8). A China segue ampliando sua relevância como destino das exportações brasileiras, com crescimento de 17,8%, representando já 33,2% do total (ante 31% em mar/25). Em contraste, as vendas destinadas aos EUA caíram 9,1%, apesar de a Suprema Corte do país ter derrubado, no fim de fevereiro, as chamadas “tarifas recíprocas”, que, no caso do Brasil, chegavam a 40% para uma fração relevante dos produtos exportados.

As importações, por sua vez, alcançaram US\$ 25,2 bi e mostraram uma retomada (+20,0% ou +3,7% p/DU) após números mais fracos no primeiro bimestre (-7,3%). O crescimento foi impulsionado pelos bens de consumo (+54,4%), com destaque para os veículos de passeio (+204,2%), diante do aumento das vendas internas de automóveis elétricos produzidos por empresas chinesas. Além disso, outros itens relevantes também registraram altas acentuadas em março, como medicamentos (+72,2%) e fertilizantes (+61,0%).

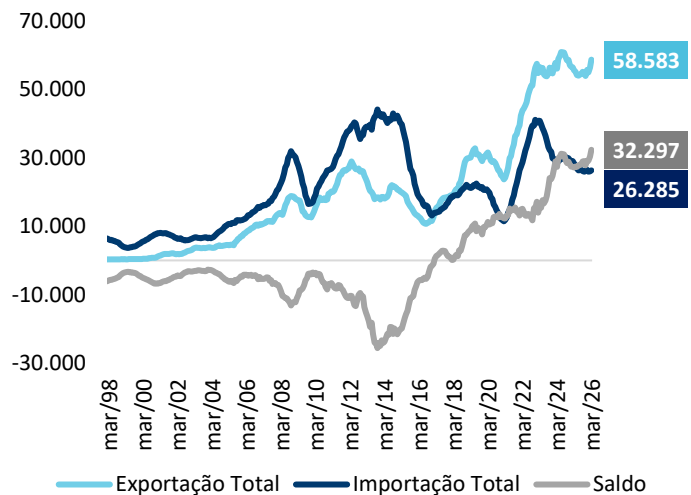
No acumulado do ano, o saldo comercial é de US\$ 14,2 bi, 9,6% acima do registrado em 2025. As exportações crescem 7,1%, enquanto as importações avançam em ritmo mais contido (+1,3%). Em 12 meses, o superávit comercial atingiu US\$ 72,6 bi. Por fim, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços divulgou que projeta um superávit de US\$ 72,1 bi para o ano, 5,9% superior ao resultado de 2025, com base na expectativa de um crescimento ligeiramente maior das exportações (+4,6%) em relação às importações (+4,2%).

Quadro 7: Saldo Comercial - Meses de Março
Em US\$ mi



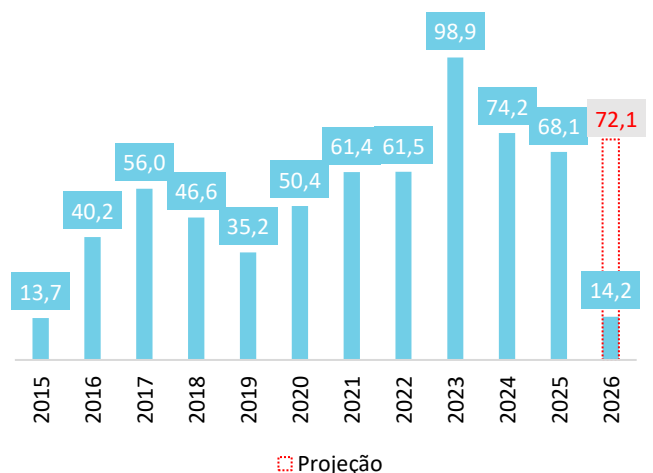
Fonte: Secex

Quadro 8: Exportação, Importação e Saldo da balança de Petróleo* – Acum. 12 meses (em US\$ mi)



Fonte: Secex. *Petróleo bruto, combustíveis e gases de petróleo

Quadro 9: Saldo Comercial Acum. no ano - Em US\$ bi



Projeção

Fonte e Projeção: Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Petróleo cai com cessar-fogo, enquanto CPI nos EUA mostra os efeitos do conflito

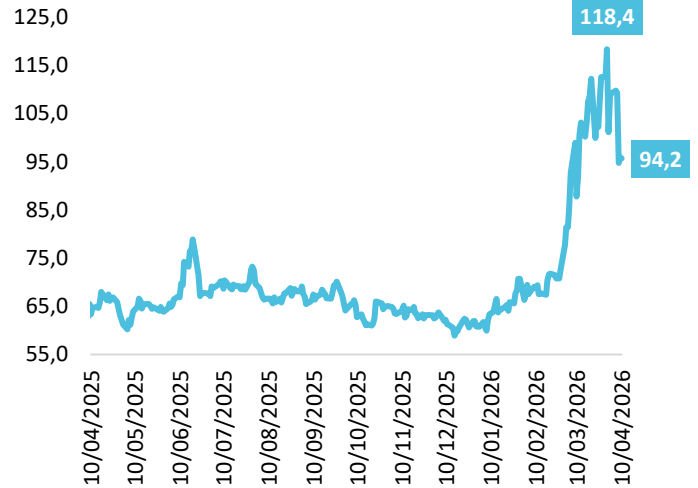
A última semana foi marcada por uma forte escalada da tensão no Oriente Médio, que chegou ao ponto máximo após Donald Trump ameaçar a população iraniana. Contudo, no mesmo dia foi anunciado um cessar-fogo de 15 dias, mediado pelo Paquistão, que trouxe um forte alívio para os ativos de risco, com as principais bolsas dos EUA fechando a semana em alta (média de 3,6%), além da forte queda no preço do petróleo (-12,0%), que voltou a fechar abaixo de US\$ 100 por barril (*Brent*). De todo modo, a trégua observada na última semana já ficou para trás, dado que as negociações entre os EUA e o Irã neste fim de semana no Paquistão já foram interrompidas sem um acordo. Com isso, o preço do petróleo volta a ser negociado acima de US\$ 100 nesta manhã.

Quanto aos indicadores, o CPI nos EUA subiu 0,9% em março, a maior variação desde jun/22 (+1,3%), embora tenha vindo em linha com o esperado (+1,0%). O resultado foi bastante pressionado pelos preços dos combustíveis, com elevação de 30,7% dos óleos combustíveis e de 21,2% da gasolina, a maior alta mensal desde a publicação da série (1967). No acumulado 12 meses, o CPI acelerou para 3,3%, ante 2,4% em fev/26, retomando o patamar do 1º semestre de 2024. De todo modo, o núcleo, que exclui alimentos e energia, foi pouco impactado até o momento, acelerando apenas ligeiramente (2,6%; ante 2,5%).

A alta dos preços dos combustíveis e a incerteza com relação à guerra tem levado a uma brusca queda da confiança dos consumidores no país. A leitura prévia de abril do indicador, calculado pela Universidade de Michigan, atingiu 47,6 pts (ante 53,3 pts em mar/26), menor nível da série histórica coletada desde 1978, superando a crise de 2008 e a pandemia, por exemplo. Os gastos pessoais, por sua vez, cresceram apenas 0,1% em termos reais em fevereiro, após estabilidade em janeiro, indicando alguma acomodação do consumo no início de ano, mesmo antes da incerteza provocada pelo conflito.

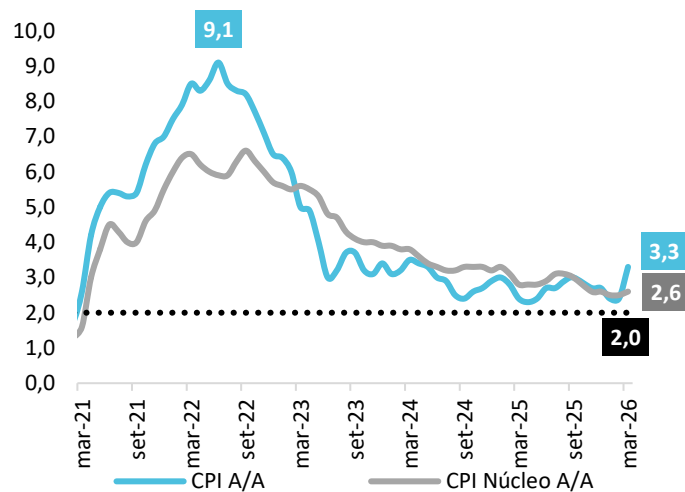
Por fim, a ata da última reunião do Fed (realizada nos dias 17 e 18 de março) mostrou que os dirigentes do Comitê debateram cenários com riscos em direções opostas para a economia dos EUA em função da guerra no Oriente Médio. De um lado, um cenário que exigiria retomada de alta dos juros, com intensificação das pressões inflacionárias. Do outro lado, uma preocupação com efeito negativos no mercado de trabalho, o que justificaria cortes dos *Fed Funds*.

Quadro 10: Preço do Petróleo (tipo Brent) Em US\$ por barril



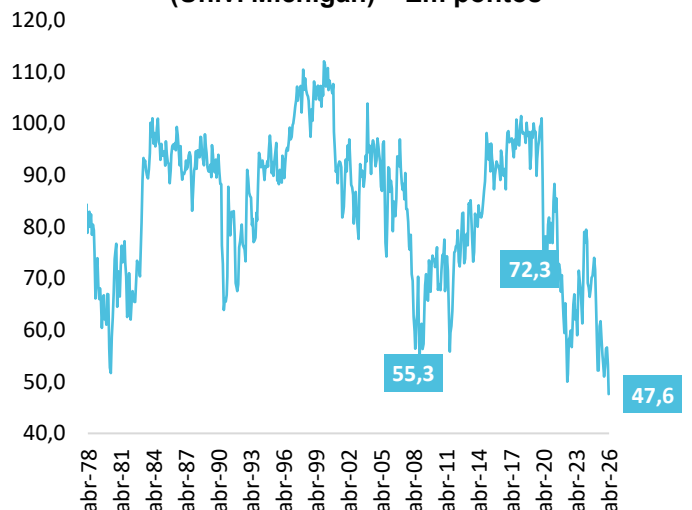
Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 12: EUA – Confiança do Consumidor (Univ. Michigan) – Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Mar/26

A caderneta de poupança registrou captação líquida negativa de R\$ 11,1 bilhões em março, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). O resultado ficou bastante próximo ao registrado em março de 2025, quando os resgates líquidos foram de R\$ 11,9 bi, em valores ajustados pela inflação (IPCA).

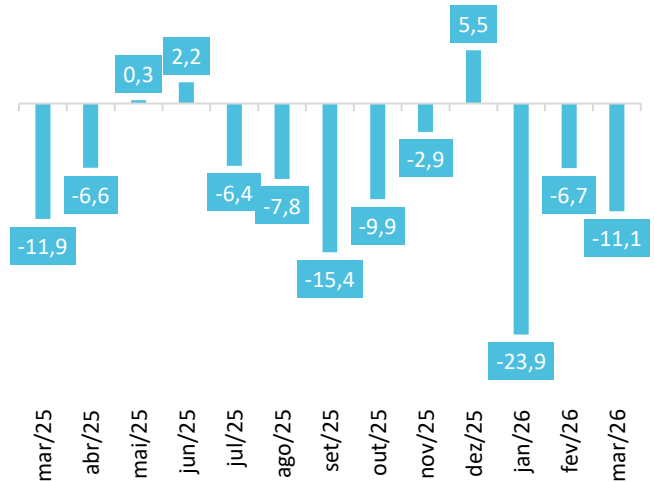
No acumulado do primeiro trimestre, os saques superaram os depósitos em R\$ 41,7 bi (ou -0,3% do PIB), trazendo novos sinais de perda de relevância estrutural do produto. Ainda assim, o valor ficou um pouco abaixo do observado no mesmo período do ano passado, quando a captação líquida foi negativa em R\$ 48,1 bi (ou -0,4% do PIB) no período.

Deste modo, o saldo da caderneta de poupança atingiu R\$ 999,8 bilhões em março, voltando a ficar abaixo da marca de R\$ 1 trilhão, algo que não ocorria desde maio de 2024. Em termos reais ou em proporção ao PIB, o saldo da caderneta vem perdendo importância de forma ainda mais relevante: menor nível desde ago/12, em valores ajustados pela inflação; ou, menor nível em quase duas décadas (nov/06) ao atingir o patamar de 7,7% do PIB. A queda tem se dado em maior intensidade na poupança do tipo SBPE (fonte de *funding* para o financiamento imobiliário), que desde seu pico em dezembro de 2020 (10,5% do PIB), já caiu 4,8 pp, para 5,8%. Enquanto isso, a poupança rural representa 1,9% do PIB, também caindo após seu pico (3,1% do PIB em dez/20), mas de forma menos acentuada.

Portanto, o Relatório da Poupança voltou a mostrar perda de importância da modalidade, em um cenário de juros elevados e alto nível de endividamento e comprometimento de renda das famílias, que estimula o resgate de recursos da caderneta tanto por questões conjunturais como estruturais, como é possível observar com a migração de recursos para instrumentos financeiros com maior rentabilidade, como os depósitos a prazo e as Letras de Crédito Agrícola ou Imobiliária (LCIs e LCAs), conforme Quadro 15.

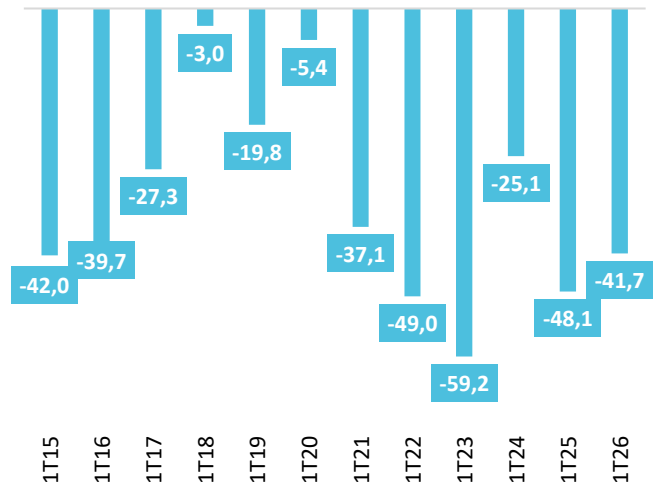
CRÉDITO / BANCOS

Quadro 13: Captação Mensal Líquida da Caderneta de Poupança - Em R\$ bi (IPCA de mar/26)



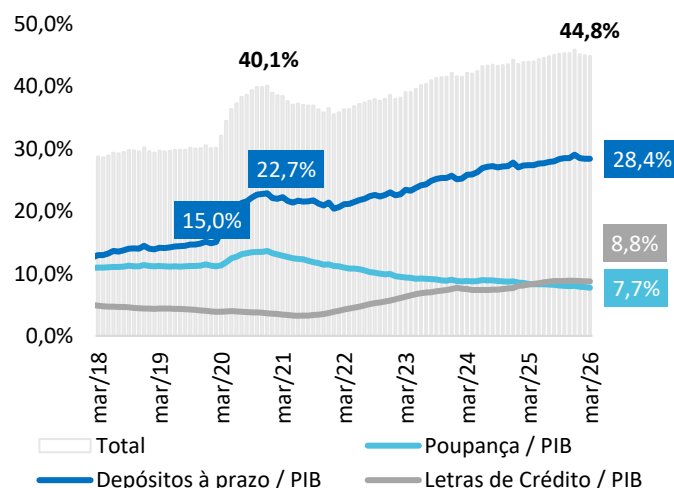
Fonte: Bacen

Quadro 14: Captações Líquidas no trimestre Em R\$ bi (IPCA de mar/26)



Fonte: Bacen

Quadro 15: Saldo da Poupança, Depósito a prazo e Letras de Crédito - Em % do PIB



Fonte: Bacen



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	10/04/26	03/04/26	13/03/26	Viés	10/04/26	03/04/26	13/03/26	Viés
IPCA (%)	4,71	4,36	4,10	▲	3,91	3,85	3,80	▲
PIB (% de crescimento)	1,85	1,85	1,83	↔	1,80	1,80	1,80	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,50	12,25	↔	10,50	10,50	10,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,37	5,40	5,40	▼	5,40	5,45	5,47	▼

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	10/04/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,01	-2,95%	-3,38%	-8,58%	-14,96%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	130,32	-6,87%	-6,76%	-5,91%	-33,85%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,56	-0,39%	-0,57%	-2,29%	1,84%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,89	-0,42%	-0,64%	0,58%	-6,01%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,44	-2,66%	-2,91%	-0,27%	-8,29%
Índice Ibovespa (em pontos)	197.323,88	4,93%	5,26%	22,47%	56,17%
IFNC (setor financeiro)	20.761,92	6,57%	7,51%	20,04%	51,34%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,80	-0,03%	0,06%	10,06%	-1,73%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,32	0,28%	0,01%	4,73%	-2,44%
Dollar Index	98,67	-1,36%	-1,29%	0,44%	-2,18%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.816,89	3,56%	4,42%	-1,15%	29,40%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	165,34	5,64%	7,15%	-0,13%	53,21%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	133,61	4,55%	5,70%	6,67%	36,42%
Índice Euro Stoxx 50	5.926,11	4,10%	6,40%	2,24%	22,98%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	262,97	7,09%	10,08%	-0,31%	57,23%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	94,27	-13,54%	-20,35%	52,24%	48,86%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins